



GT - ESTRATÉGIA E GESTÃO ORGANIZACIONAL

TRABALHO PRECARIZADO NA ERA DO EMPREENDEDORISMO

Mayara Carla Marques, Aline Francilurdes Nery do Vale, Aline Juliana Barbosa de Oliveira, Emily Bezerra Fernandes do Nascimento, Luana de Andrade Pinheiro Borges

RESUMO

Para compreender a complexidade da ideologia empreendedora e suas consequências para o trabalho precarizado é necessário explorar as vertentes teóricas críticas, e considerar aspectos sociais, econômicos e políticos que moldam essa realidade. Com base no exposto, o objetivo deste trabalho é identificar as percepções teóricas críticas sobre o empreendedorismo no campo da Administração no Brasil. Para tanto, foi proposto uma revisão da literatura, com intuito de identificar os estudos prévios e aprofundar-se na temática. Dos 15 trabalhos mapeados, apenas 4 atenderam a perspectiva crítica de discussão do fenômeno estudado. Como estratégia de análise, empregou-se a qualitativa através de uma revisão da literatura. Dentre os resultados, destaca-se que a maioria dos estudos compreendem o empreendedorismo como uma ideologia capitalista que camufla a realidade das relações entre trabalho e capital. A pesquisa enriquece o campo do empreendedorismo crítico na perspectiva da precarização do trabalho e exploração do indivíduo por si mesmo. Sugere-se o aprofundamento da discussão crítica a respeito da temática, uma vez que, dada a quantidade de trabalhos encontrados e as análises realizadas, a abordagem crítica ainda não está consolidada nas discussões na Administração.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Precarização do trabalho. Crítica.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da globalização e dos avanços tecnológicos alcançados nos últimos anos, o processo produtivo permanece imerso em uma estrutura inalterada, tendo como única motivação a busca incessante pela acumulação de capital e maximização do lucro. Essa lógica faz com que o trabalho, que deveria ser um meio de alcançar a dignidade humana, seja descaracterizado, perdendo a sua essência e razão social (Franco; Druck; Seligmann-Silva, 2010).

Além disso, a crise econômica experimentada no final do século passado impulsionou a implementação de um novo modelo de organização do trabalho, estabelecendo novos padrões de acumulação de capital, por meio de subcontratações e serviços terceirizados. A flexibilidade e precarização do trabalho, oriundas das políticas neoliberais e da reestruturação produtiva, têm levado à desregulamentação



das relações laborais, ao crescimento do número de trabalhos informais e à diminuição das oportunidades de emprego (Oliveira; Moita; Aquino, 2016).

Nesse contexto de crise, o empreendedorismo, por vezes difundido como uma solução para os problemas enfrentados no mercado de trabalho (Oliveira; Moita; Aquino, 2016), e alimentado pela ideia de meritocracia, ganhos individuais (Vidigal, 2023), independência financeira, ascensão profissional (Oliveira; Moita; Aquino, 2016), autonomia, autoconfiança e relação positiva entre trabalho e família (Mandl et al., 2009) e flexibilidade (Mandl et al., 2009; Bogenhold; Klinglmair, 2015) torna-se um mecanismo para promover ainda mais a exploração da força do trabalho (Antunes, 2009). Acrescido a isso, Franco e Ferraz (2022) postulam que o empreendedorismo representa um movimento que contribui para a disseminação da informalidade no ambiente laboral e a diminuição da responsabilidade do Estado em assegurar aos trabalhadores uma fonte de renda.

Entretanto, o empreendedorismo continua sendo tratado por diferentes instituições como uma ferramenta de inovação, promotora do crescimento econômico e da geração de emprego e renda (Oliveira; Moita; Aquino, 2016). Porém, evidências na literatura apontaram que em contextos de pobreza e em países subdesenvolvidos, espaços em que predomina o trabalho por subsistência, o empreendedorismo não produz resultados promissores (Rufin; Haughton, 2018; Atems; Shand, 2018; Matos; Hall, 2019; Lin et al., 2019).

Acrescido a isso, Bogenhold e Klinglmair (2015) destacam o fato de que os indivíduos são impulsionados a se tornarem empreendedores não por vocação ou escolha, mas por necessidade, principalmente em cenários de desemprego e em situações degradantes no mercado de trabalho. Ainda, o trabalho por conta própria também pode ser considerado um fator de pobreza e de privação financeira, conforme mencionam Bogenhold e Klinglmair (2015). Através de um estudo conduzido na Áustria, país desenvolvido, os autores averiguaram que os valores dos rendimentos brutos anuais dos microempreendedores são menos da metade dos rendimentos dos trabalhadores assalariados, sugerindo que muitas rendas estão próximas da pobreza e não são suficientes para garantirem a subsistência; o que têm levado muitos microempreendedores a buscarem outras fontes de renda.



Consequentemente, a precarização do trabalho segue acarretando impactos negativos na vida dos trabalhadores até os dias hodiernos; tendo sido objeto de estudo de diferentes autores ao longo dos anos, como pode-se observar nas pesquisas de Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010), Vosko (2010), Kalleberg e Vallas (2017), Ferraz (2021) e Franco e Ferraz (2022), dentre tantas outras.

Todavia, nas últimas décadas, a prática empreendedora tem se difundido no Brasil de forma bastante evidente. Um relatório da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), realizado em 2022 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (SEBRAE) e pela Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANEGEPE) apontou que 67% da população adulta empreende ou pretende empreender nos próximos três anos. Essa porcentagem representa um quantitativo de 93 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos.

Nesse contexto, torna-se imprescindível questionar o discurso hegemônico que idealiza o empreendedorismo como uma alternativa para sanar os problemas enraizados no sistema capitalista, e assim, lançar luz sobre como o empreendedorismo pode desviar a atenção de questões estruturais e sistêmicas que perpetuam a precarização do trabalho e a acumulação de capital.

Assim, para compreender a complexidade da ideologia empreendedora e suas consequências para o trabalho precarizado é necessário explorar as vertentes teóricas críticas, e considerar aspectos sociais, econômicos e políticos que moldam essa realidade. Com base no exposto, o objetivo deste trabalho é identificar as percepções teóricas críticas sobre o empreendedorismo no campo da Administração no Brasil. Pretende-se, por meio dos resultados encontrados, estimular um debate reflexivo sobre o fenômeno do empreendedorismo e suas reais implicações no contexto contemporâneo brasileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

É nítido que a degradação do trabalho tem efeitos negativos na vida dos trabalhadores, a grande questão é a forma como se tem tratado esse fenômeno, quase sempre desconsiderando que tal degradação e suas consequências são, na realidade, essência do capitalismo e não somente uma vertente momentânea (Borsoi, 2011).



No capitalismo industrial europeu do século XIX, Engels (1985) retratava-a cruel situação degradante do trabalho e vida dos trabalhadores fabris: Na maior parte dos ramos, a atividade do operário reduz-se a um gesto mesquinho, puramente mecânico, que se repete minuto a minuto, ano após ano, sempre o mesmo. Quem quer que tenha trabalhado desde a mais tenra idade doze e mais horas por dia, fabricando cabeças de prego ou limando rodas dentadas, e que viva nas condições de vida de um proletário inglês, quantas faculdades e sentimentos humanos pode conservar aos trinta anos? A atividade do operário encontra-se facilitada, o esforço muscular reduzido, e o próprio trabalho é insignificante, mas extremamente monótono (Engels, 1985, p. 139).

Marx, n'O Capital I, apresenta que a intencionalidade do sistema capitalista é a produção de mais-valor, independente das condições de produção deste. O autor aponta: [...] assim, a produção capitalista, que é essencialmente produção de mais-valor, sucção de mais-trabalho, produz, com o prolongamento da jornada de trabalho, não apenas a debilitação da força humana de trabalho, que se vê roubada de suas condições normais, morais e físicas, de desenvolvimento e atuação (Marx, 2013, p. 337).

Em suma, pode-se interpretar que o capitalismo do século XIX deu-se à custa do trabalho degradante (Borsoi, 2011). Inteiro de razão, Marx (2015) afirmou que o trabalhador, na sua atividade produtiva, via-se reduzido à condição animal e sentia-se humano apenas nas atividades compartilhadas com os demais animais: comer, beber, procriar.

Ainda que se reorganizem as formas de organização do trabalho e produção, as condições precárias permanecem, taylorismo e fordismo são bons exemplos. Para o taylorismo "o trabalhador deve ser poupado de pensar para que possa repetir os movimentos ininterruptamente, ganhando rapidez e exatidão" (Borges; Yamamoto, 2004, p. 35). De acordo com Borsoi (2011), foi retirada, assim, a possibilidade de liberdade e iniciativa de movimento aprofundando "a carência de conteúdo e de sentido do trabalho" (idem, p. 120).

Já o fordismo "avançou" ao introduzir a linha de montagem, gerindo a força de trabalho agora pelos estímulos imediatos através dos incentivos financeiros,



submetendo-os às exigências de ritmos e produção, com base em coerção e convencimento dos trabalhadores (Gramsci, 1978; Harvey, 2002). Para Borsoi (2011), resumidamente, o modelo taylor-fordista de organização do trabalho “conduz o trabalhador à mortificação tanto física – pela obrigatoriedade de conter movimentos rápidos e precisos – como também, psíquica, pela necessidade de atenção concentrada em uma atividade, muitas vezes, monótona e sem sentido” (idem, p. 123).

De acordo com Antunes (2010) a crise do capital adensa o movimento de degradação do trabalho formal e regulamentado. A lógica do trabalho estabelecida nos modelos de gestão e controle da força de trabalho apresentados anteriormente se encontra em um processo de substituição “pelas diversas formas de ‘empreendedorismo’, ‘cooperativismo’, ‘trabalho voluntário’, ‘trabalho atípico’, formas que mascaram frequentemente a auto exploração do trabalho” (idem, p. 633).

Borsoi (2011) ainda argumenta dizendo que o degradado mundo do trabalho muda apenas a roupagem, apresentando-se em novas configurações e novos modos de expressão, uma vez que muito da precariedade anterior permanece associado às formas atuais de precarização, o que leva com isso a novos modos de adoecimento e sofrimento dos trabalhadores.

Tal constatação assemelha-se com a de Ferraz (2021), ao refletir que, ainda que novas formas de organização do trabalho surjam, o âmago não muda, haverá sempre uma divisão de trabalho buscando extrair do ser social apenas o que sirva para extrair mais-valor. Baseada em Marx (2013) – quando explica que a produção capitalista necessita de atualização constante e de revolucionar sua base, com isso, alterando a divisão do trabalho no interior da sociedade, mobilizando capital e trabalho entre um e outro ramo de produção – Ferraz (2020) explica que seria algo que, como uma grande fábrica do mundo, os setores fossem trocando os trabalhadores por máquinas e o grande contingente de desempregados fosse empurrado para os cantos tivessem que buscar qualquer atividade que o permita continuar “dentro da fábrica”.

No cenário atual, aos poucos, a globalização foi aumentando de forma substancial a mobilidade das forças de trabalho, mas (não surpreendentemente), as qualidades dos empregos ofertados não seguiam a mesma proporção (Ortiz; Miranda, 2021). No entanto, é necessário compreender que apesar da globalização do



desenvolvimento capitalista, “tal processo não ocorre de forma igual; cada nação (região, cultura, acúmulo de capital, dentre outros elementos) tem uma dinâmica própria, ainda que o capital se conecte mundialmente” (Ferraz, 2020, p. 73).

Antunes (2015) apresenta tendências das transformações do trabalho mediante a globalização e crescente informatização, tais como a diminuição do proletariado fabril, além da expansão do trabalho assalariado. Outro elemento trazido pelo autor é a “subproletarização intensificada”, a qual pode ser identificada a partir da ascensão de formas de trabalho precarizadas (idem, p. 49).

Assim, a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação, além do fenômeno da globalização, alterou a dinâmica no mundo do trabalho e dos indivíduos, reestruturando a cadeia produtiva, segmentando mercados e as distribuições dos polos produtivos (Rodrigues; Moreira; Lucca, 2021). Como consequência, o desemprego estrutural se alastrou, bem como o aumento do trabalho autônomo e informal, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil (Alves, 2020). Esse cenário se tornou terreno fértil para a precarização se disfarçar de oportunidade e flexibilização (Ortiz; Miranda, 2021; Rodrigues; Moreira; Lucca, 2021).

Vale ressaltar que a configuração da sociedade capitalista, em sua necessidade de reprodução ampliada do capital, necessita que as condições de trabalho estejam mais precárias e que a manutenção do desemprego ocorra, pois são esses elementos que garantem que a classe trabalhadora se submeta a variadas formas de exploração (Marx, 2013).

Nesse sentido, a flexibilização no regime de trabalho promove, na verdade, desigualdade quando relacionada à divisão de tempo de trabalho e tempo de vida dos trabalhadores, colocando-os como moeda de troca na produção de valor capitalista e a globalização privilegia o capitalismo excludente que não considera a individualidade e leva a uma inversão de valores nas regulações sociais (Ortiz; Miranda, 2021).

Retomando-o disfarce de “oportunidade” e “flexibilização” que a precarização do trabalho utiliza, e levando em consideração novamente a necessidade de atualização constante do sistema de produção capitalista, temos um outro modelo de exploração ganhando bastante espaço na sociedade: o empreendedorismo. Um “recurso” que surge, aparentemente, essencial para a sobrevivência do trabalhador



contemporâneo: ser empreendedor – compreendendo-se como criador negócio, seria então, uma das alternativas de trabalho diante da crise no mundo do trabalho (Oliveira; Moita; Aquino, 2016) – tendo em vista que "a doutrina neoliberal exige que todos se apresentem socialmente como empreendedores" (Costa; Barros; Carvalho, 2011, p. 189).

Há certa exaltação do "espírito empreendedor" atualmente, em conformidade com as reformulações políticas neoliberais, uma vez que é de suma importância para a sociedade ter indivíduos habilidosos e proativos na criação e produção de negócios. Essa lógica flexível e informal alimenta a ideia neoliberal diante da globalização e da internacionalização do mercado (Oliveira; Moita; Aquino, 2016). Esse ideário é essencial para manutenção do sistema, partindo dele, a prática empreendedora: [...] é demasiadamente recomendada àqueles que buscam trabalho em meio ao cenário de desemprego, sob o discurso da garantia de crescimento e desenvolvimento socioeconômico. É dessa forma que o empreendedor é incorporado à lógica do capital (Oliveira; Moita; Aquino, 2016, p. 217).

Usando uma lupa para observar o contexto brasileiro, de acordo com relatório Panorama do Emprego nas MPE's (2023) – elaborado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) com dados do Registro Administrativo chamado Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)¹ – as empresas, independente do porte, foram responsáveis por 35,2 milhões de empregos formais privados em 2021, bem menos do que metade da parcela de brasileiros "ocupados"², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uma outra parcela desses trabalhadores está por conta própria, são 12 milhões na verdade, os Microempreendedores Individuais (MEI) que representam 64% dos CNPJs ativos atualmente³.

Como a própria nomenclatura sugere é o empresário individual, patrão dele próprio, podendo chegar a empregar no máximo mais uma pessoa formalmente, cuja

¹ Disponível em: <https://datasebrae.com.br/panorama-do-emprego/>.

² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>.

³ Mapa das empresas. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/painel-mapa-de-empresas>.



evolução da remuneração média real é irrisória há anos, sendo de R\$2.207,00 em 2002 e estava em R\$2.153,00 em 2021 (RAIS, 2021). Emprego e renda através do empreendedorismo? alternativas de trabalho diante da crise no mundo do trabalho? O que se chama de empreendedorismo pode ser, na verdade, trabalhadores por conta própria e precarizados (Oliveira; Moita; Aquino, 2016).

Oliveira (2012), sobre a lógica do empreendedorismo, aponta que esta:

[...] visa, sobretudo, estimular o trabalhador a ser independente e patrão de si mesmo, desonerando o Estado da responsabilidade de investimento em programas e políticas sociais, repassando tal responsabilidade para o indivíduo ou para a sociedade civil, revelando-se como uma flexinsegurança, pois retira ou flexibiliza direitos conquistados, além de não garantir a (re)inserção do trabalhador no mercado formal de trabalho (idem, p. 507).

Nesse sentido, o empreendedorismo está diretamente ligado à nova fase do capitalismo mundial, em que o trabalho formal e regulamentado está perdendo seu lugar no sistema produtivo para o empreendedorismo. E a sua cultura cria um imaginário que associa o ato de empreender a uma fonte de sucesso e status. Todavia, para alcançar o almejado sucesso, é necessário trabalhar de domingo a domingo, com rotinas exaustivas, pois o sucesso "não cai de paraquedas".

Ainda sobre o sucesso, recorremos a Ferraz (2020, p. 74), a qual afirma que dentro a noção de sucesso na sociedade capitalista é construída com bases frágeis, haja vista que se fundamenta em cima de "complexos de contradições que permeiam a existência do ser social estranhado". A autora ainda reflete sobre o movimento do processo produtivo e como a subjetividade o acompanha. Assim, conforme ocorrem modificações nas determinações da produção, "as ideias sobre a relação entre capital e trabalho também se movem, não obstante, sem mover as bases que as fazem capitalistas" (idem).

O empreendedorismo, sob o regime da acumulação flexível, favorece o discurso de meritocracia e ganhos individuais, intensificando a informalidade, insegurança e a desregulamentação (Vidigal, 2023). Em síntese, há concordância com as considerações de Ferraz (2021, p. 25). A autora define a prática empreendedora como: [...] um importante desdobramento do desenvolvimento das forças produtivas que reorganiza produção, distribuição, troca e consumo visando elevar as taxas de



extração de mais-valor; seja por meio da inovação, na busca pelo lucro extraordinário intracapitalista; seja por meio do empreendedorismo precarizado, que tanto contribui com a aceleração do ciclo do capital quanto rebaixa o valor da força de trabalho, intensificando a pauperização da classe trabalhadora. A necessidade contínua de inovação atrelada às atividades laborais individualizadas e precarizadas, embora socialmente dependentes, é possibilitada pela automatização da gestão do processo produtivo e pela capacidade de atração do mais-valor gerado pela ampliação do mercado (cada vez mais mundial) em todo o ciclo do capital, da produção à realização do mais-valor na esfera da circulação.

Portanto, a compreensão deste trabalho é de que o empreendedorismo tem uma configuração que ultrapassa a compreensão de ser uma forma precária do trabalho no século XXI. Isso ocorre conforme o desenvolvimento das forças produtivas acontece, momento em que o empreendedorismo passa a ter um caráter ideológico, o qual é difundido pela classe capitalista como saída para a crise, como a única forma de sobrevivência diante do cenário de instabilidade e desemprego estrutural. Assim, a classe trabalhadora incorpora a ideia do empreendedorismo e a busca pelo sucesso, elementos fundamentais para a ampliação do capital no cenário hodierno.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma comunicação breve, fundamentada na revisão da literatura que se caracteriza por sua natureza qualitativa. Esse processo de busca tem dois propósitos: a construção de uma contextualização para o problema e análise das possibilidades na literatura consultada (Alves-Mazzotti, 2002). Nesta pesquisa a revisão é do tipo narrativa. Este procedimento metodológico visa à descrição detalhada de um tema (Rother, 2007), reunindo informações relevantes de caráter teórico e contextual para evolução do tópico estudado.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio da consulta ao portal de pesquisa e bases de dados Scielo Brasil em 25 de julho de 2023. A seguinte string de busca foi utilizada: "empreendedorismo" e "crítica" (ambos em "título, resumo e palavra-chave"). Com o intuito de investigar estudos brasileiros, utilizaram-se os filtros: Brasil (coleções), português (idioma) e Ciências Sociais Aplicadas (área temática). Esse



levantamento revelou 15 artigos, porém após a leitura na íntegra, apenas 4 trabalhos estavam de acordo com o objeto de estudo e foram aceitos para a análise.

Em síntese, a investigação técnico-científica contemplou adequadamente o objeto de estudo, cuja característica principal é a crítica ao empreendedorismo. Na análise, utilizou-se o Microsoft Excel, o que facilitou a organização dos estudos e a identificação de fragmentos que compartilham a linha de investigação. Destarte, a análise e interpretação dos resultados serão apresentadas na seção seguinte.

4 RESULTADOS

Pretende-se, aqui, aprofundar a discussão a respeito dos trabalhos encontrados durante as buscas pela compreensão das percepções teóricas críticas sobre o empreendedorismo. Dos artigos que seguem uma abordagem crítica de fato, pretende-se expor um resumo que responda aos questionamentos a respeito da crítica que é feita e se apresenta proposta para o empreendedorismo, como forma de rompê-lo.

Alguns trabalhos precisaram ser excluídos na análise. Zouain e Torres (2005), Rodrigues e Malo (2006), Tyszler (2007) e Paiva Júnior, Almeida e Guerra (2008), apesar de citarem, não apresentaram discussões críticas ao empreendedorismo de fato. Já o trabalho de Bidart, Novaes e Gil (2008) focam na metodologia da pesquisa-ação e não no fenômeno estudado aqui. Por fim, Avrichir, Almeida e Andreassi (2011) focam em um caso de ensino a respeito de WebBusiness, acriticamente e Oliveira Júnior, et al., (2018) que fazem apenas uma bibliometria do campo empreendedorismo. Éster (2019) e Casaqui (2020) são trabalhos relacionados a psicologia e comunicação, respectivamente. Adiante constará os trabalhos que seguiram para análise.

Costa, Barros e Martins (2012), baseados na perspectiva da teoria social do discurso de Norman Fairclough (2001), buscaram identificar e discutir as implicações nas relações de trabalho contemporâneas da criação e disseminação do conceito de empreendedorismo por meio das mídias voltadas aos negócios, revistas, especificamente. Os autores identificaram três principais objetivos nos discursos midiáticos sobre empreendedorismo: (a) capitalismo empreendedor, cuja essência seria a intrínseca, naturalizada e inevitável relação entre empreendedorismo,



capitalismo e desenvolvimento socioeconômico; (b) ascensão econômica no livre mercado, argumentando que no contexto atual, para que uma sociedade possa potencializar todos os benefícios provenientes de um mercado livre, necessita de um ambiente propício à emergência do espírito empreendedor; por fim, o (c) herói global, na figura do empreendedor, cabendo ressaltar que, com base em López-Ruiz (2007), argumenta-se que o espírito empreendedor vincula-se a um novo espírito do capitalismo e que produz um repertório de fórmulas generalizáveis – e, portanto, passíveis de serem replicadas.

Ainda, Costa, Barros e Martins (2012), levantam questionamentos a respeito das implicações da disseminação do empreendedorismo sob três perspectivas. Em um primeiro momento, questiona a convergência entre os interesses individuais e das empresas, quando se trata de desenvolvimento econômico que, por meio do empreendedorismo, que levaria a uma melhoria na qualidade de vida: “O que é qualidade de vida? Qualidade de vida para as organizações é o mesmo que qualidade de vida para os indivíduos nas organizações? E mesmo entre os indivíduos, existe consenso? (Costa, Barros e Martins, 2012, p.370)”. Em segundo lugar, a discussão questiona a esfera do trabalho e suas configurações diante desse capitalismo empreendedor, se relacionando com a terceira perspectiva que seria a de busca pelo sucesso profissional. Na esfera do trabalho, indivíduos são estimulados a serem empreendedores de si mesmos, tornando-se uma unidade econômica autônoma inserida em um contexto competitivo. Ainda que as pessoas assumam a posição de empreendedor, os autores questionam a possibilidade de conciliação entre capital e trabalho. O estímulo pela busca do sucesso seria um poderoso modelador de comportamento, os grandes empresários deixam de serem vistos como figuras de exploração do homem pelo homem, e passam a símbolos do sucesso social. Como conclusão, as divulgações midiáticas podem apresentar aspectos de controle social, misturando ideologia, ficção e realidade, contribuindo inclusive para a alienação e incorporação ingênua de modismos gerenciais. Por fim, propuseram uma busca por abordagens alternativas para uma sociedade mais justa, embora não especificuem (Costa, Barros e Martins 2012).



Carmo et al. (2020) traz um ensaio crítico, que tem por objetivo explorar e compreender a vertente neoliberal que existe nos discursos do empreendedorismo, e como isso camufla e oculta as reais dinâmicas entre trabalho e capital. Para tanto, os autores buscaram recuperar o percurso histórico do conceito de empreendedorismo, com o intuito de identificar seu viés neoliberal e apresenta as bases teóricas que o sustentam, bem como, mostra como essa racionalidade neoliberal é seguida como uma ideologia, em que não há contestação, às regras apenas são seguidas. O que não mostra as contradições e os conflitos que são inerentes ao empreendedorismo.

Segundo Carmo et al. (2020, p.29) “Os discursos que sustentam esta ideologia desconsideram os contextos e as realidades sociais dos empreendedores, colocando-os como meros instrumentos do capitalismo”, além de absolver o Estado de sua responsabilidade em garantir condições básicas de vida para os trabalhadores. Os autores questionam ainda, se há uma solução para essa realidade, e reforçam que é preciso estudar o fenômeno como um todo, e como ele realiza as implicações sociais, políticas e culturais. A análise final do estudo demonstra que o discurso em torno do empreendedorismo coloca sobre os trabalhadores a responsabilidade por seu êxito ou fracasso, desconsiderando as influências do contexto social.

O texto elaborado por Ferraz (2022), traz uma crítica marxista sobre a ideologia do empreendedorismo, evidenciando o que tem sido denominado como empreendedorismo social, tendo em mente a armadilha da identidade. Destacando como as questões relacionadas à identidade encontraram um ambiente fértil para disseminação na esfera social, ao ser associado com a ideologia do empreendedorismo, através do discurso que o “espírito empreendedor” seria a solução para opressões. Por meio de pesquisa, Ferraz (2022, p.259) buscou demonstrar que “capitalismo e emancipação humana são opostos, pois não há capitalismo sem opressão”, apresenta ainda um alerta, sobre o risco de apoiar as lutas contra opressão por meio da política capitalista de inclusão. Ressalta que o indivíduo ao defender o empreendedorismo social como um meio de redução dos impactos causados pelo neoliberalismo, acaba praticando algo em que se critica: passa a individualizar problemas que são sociais, e a responsabilizar os indivíduos por eles, ademais, é um meio de potencializar a reprodução do capital, tendo em vista que amplia o número de



trabalhadores que serão incluídos no mercado de trabalho, com valor abaixo do mínimo necessário.

Ferraz e Ferraz (2022) defendem que a ideologia do empreendedorismo é uma continuação do espírito do capitalismo, que busca reforçar a trincheira da classe capitalista e suas relações sociais mediadas pelas trocas em razão do lucro. Para tanto, trazem um levantamento sobre os estudos que de algum modo fizeram questionamentos sobre o empreendedorismo, para então observar uma lacuna acerca da temática, e por isso, evidências a necessidade de construir estudos críticos histórico-materialistas.

Sobre o conceito de "espírito empreendedor", Ferraz e Ferraz (2022) apontam a necessidade de esclarecer dois pontos: o primeiro é que os economistas clássicos (como Cantillón, Smith e Say) buscavam entender a origem do valor econômico e que foi resolvido, por Karl Marx, que demonstrou que a fonte do valor econômico reside na força de trabalho empregada na produção de bens e serviços, e que a criação de riqueza gera miséria; o segundo ponto que as autoras afirmam é que desde Smith o empreendedorismo é associado a uma figura individual, e não um desdobramento de relações sociais e que isso foi repassado, essa tradição liberal. De acordo com Ferraz e Ferraz (2022, p.114): O espírito do capitalismo corresponde ao movimento de expansão do capital, enquanto o empreendedorismo é a versão ideológica desse espírito, que expressa a prática empreendedora no atual estágio produtivo. Essa prática, em sua essência, é o trabalho precarizado submetido ao capital.

As autoras buscam contribuir no aprofundamento da análise crítica da prática empreendedora, contextualizando-a dentro do desenvolvimento capitalista e da luta de classe, ao invés de restringi-la apenas ao paradigma do realismo capitalista, que limita a ação humana ao comportamento individualista, competitivo ou meramente liberal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão da literatura teve como objetivo identificar as percepções teóricas críticas sobre o empreendedorismo no campo da Administração no Brasil. Os resultados deste estudo apontam investigações recentes baseadas na perspectiva da



Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough (2001) ou na Teoria Marxista da Dependência de Marx (2002).

Os artigos reconhecem o empreendedorismo como uma ideologia que camufla a realidade das relações entre trabalho e capital da vertente Neoliberal, sendo visto como parte integrante da estrutura capitalista; evocando: autenticidade, modelo de cultura, transformação de mundo, possibilidade de mudança de classe, reconhecimento social, movimento irrefreável, missão sagrada de prestígio e personificação heróica; ao mesmo tempo que causa desigualdade, exclusão, instabilidade, concentração de riqueza na mãos de minoria e, conseqüentemente, intensificação da relação de pauperização através desse sistema de dominação.

Os termos “espírito empreendedor”, “espírito do tempo” e “herói global” são citados nos artigos constituindo um estereótipo negativo capitalista com a mesma conotação: um protótipo ideário de sucesso, reconhecido pela maximização do lucro e do esforço. Esse estigma é um estereótipo que coisifica o indivíduo, aumentando a exploração do trabalho em razão do lucro.

Ademais, o empreendedorismo social é tratado na maioria das investigações como uma representação ilusória da visão de mundo compartilhada, dotada de falsos aspectos éticos e ideais revolucionários. Isso pode indicar mais um caso da metamorfose do capitalismo e sua capacidade de reformulação, acentuando a exploração e precarização do trabalho. Afinal, a lógica empreendedora não ajuda na resolução de problemas sociais e, sim, torna o indivíduo escravo de si próprio. Sendo ele o único responsável pelo seu sucesso.

Apesar dos trabalhos considerarem a magnitude do problema causado pelo ideário empreendedor, eles não relacionam empreendedorismo, precarização do trabalho e suas conseqüências (emocionais). Desta forma, propõe-se uma pesquisa qualitativa crítica acerca dessa relação. Além disso, seria relevante um aprofundamento sobre temas precarização do trabalho e diferenças de gênero no empreendedorismo brasileiro, que investigassem quais são as conseqüências do emprego precário para manutenção da exploração capitalista e como a desigualdade de gênero, a precarização e a Teoria da Dependência se relacionam com o empreendedorismo. Sugere-se o aprofundamento da discussão crítica a respeito da



temática, uma vez que, dada a quantidade de trabalhos encontrados e as análises realizadas, a abordagem crítica ainda não está consolidada nas discussões na Administração.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. S. Trabalho e sofrimento psíquico: histórias que contam essa história. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 7, p. 1-3, mar. 2020. FapUNIFESP (SciELO).

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A "revisão bibliográfica" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússula do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44.

ANTUNES, R. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. **Serviço Social & Sociedade**, n. 104, p. 632-636, out. 2010.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2015. 16 ed.

ANTUNES, Ricardo. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. **Theomai**, n. 19, p. 47-57, 2009.

ATEMS, B.; SHAND, G. An empirical analysis of the relationship between entrepreneurship and income inequality. **Small Business Economics**, v. 51, n. 4, p. 905–922, dez. 2018.

BÖGENHOLD, D.; KLINGLMAIR, A. Micro-entrepreneurship: tendency towards precarious work? empirical findings for Austria. **Athens Journal of Economics and Business**, v. 1, n. 2, p. 107-121, 2015.

BORGES, L. de O.; YAMAMOTO, O. H. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **PSICOLOGIA, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 520.

BORSOI, I. C. F. Vivendo para trabalhar: do trabalho degradado ao trabalho precarizado. **Convergencia: Revista de Ciências Sociais**, México, v. 55, n. 1, p. 113-133, jan. 2011.

CARMO, L. J. O. *et al.* O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos Ebape.Br**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 18-31, mar. 2021.

CASAGRANDE, L.; ZAMORA, M. A. M.; OVIEDO, C. F. T.. THE UBER DRIVER IS NOT AN ENTREPRENEUR. **Ram. Revista de Administração Mackenzie**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 1-24, jul. 2021.



COSTA, A. M. da; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F.. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 179-197, abr. 2011.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FERRAZ, J. de M. **Para Além da Prática Empreendedora no Capitalismo Brasileiro**. São Paulo: Actual, 2021. 288 p.

FERRAZ, J. de M.; FERRAZ, D. L. da S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 20, p. 105-117, 2022.

FERRAZ, J. de M. Armadilha da identidade e crítica ao empreendedorismo social: a exploração da opressão. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 252-261, 2022.

FERRAZ, J. M. de. A noção de sucesso na sociedade capitalista: Entre o mérito e a impessoalidade no trabalho. **SCRIBES - Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2020.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. da S.; FERRAZ, J. de M. Economia Política da Uberização: A Exploração dos Trabalhadores conforme as Três Formas de Intermediação do Trabalho nas Empresas-Plataforma. **Organizações & Sociedade**, v. 30, p. 360-387, 2023.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, J. M. The entrepreneurship ideology and its expression in Brazil-dependent capitalism. In: **XLVI Encontro da ANPAD - EnANPAD 2022**.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 35, p. 229-248, 2010.

GRAMSCI, Antônio. "Americanismo e Fordismo". In **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.311-339.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**, São Paulo: Loyola, 2002.

KALLEBERG, A. L.; VALLAS, S. P. (Ed.). Probing precarious work: Theory, research, and politics. In: **Precairous work**. Emerald Publishing Limited, 2017. p. 1-30.

LIN, S. *et al.* Regional determinants of poverty alleviation through entrepreneurship in China. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 00, n. 00, p. 1-22, jul. 2019.

MANDL, I. *et al.*, Ein-Personen-Unternehmen in Österreich. **Wirtschaft und Gesellschaft**, v. 35, n. 2, p. 215, 2009.



MARX, K. Cadernos de Paris; **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução [de] José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

MATOS, S.; HALL, J. An exploratory study of entrepreneurs in impoverished communities: when institutional factors and individual characteristics result in non-productive entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 00, n. 00, p. 1–22, jul. 2019.

OLIVEIRA, E. A. de. A política de emprego no Brasil: o caminho da flexinsegurança. **Serviço Social & Sociedade**, n. 111, p. 493–508, jul. 2012.

OLIVEIRA, E. N. P. de; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. de. O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. **Psicologia Política**, Fortaleza, v. 16, n. 36, p. 207-226, ago. 2016.

OLIVEIRA, E. N. P. de; MOITA, D. S.; AQUINO, C. A. B. de. O empreendedor na era do trabalho precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral. 2016.

ORTIZ, F. C.; MIRANDA, J. A. A. de. Trabalho precarizado e a sociedade global. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, [S.L.], v. 8, n. 01, p. 1-27, 7 jul. 2021.

RODRIGUES, N. L. P. R.; MOREIRA, A. S.; LUCCA, S. R. de. O presente e o futuro do trabalho precarizado dos trabalhadores por aplicativo. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 37, n. 11, p. 1-13, 2021.

ROTHER, E. T.. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

SARKAR, S.; RUFÍN, C.; HAUGHTON, J. Inequality and entrepreneurial thresholds. **Journal of Business Venturing**, v. 33, n. 3, p. 278–295, maio 2018.

VIDIGAL, V. A APARÊNCIA E A ESSÊNCIA DA UBERIZAÇÃO DO TRABALHO. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 10, n. 27, 2023.